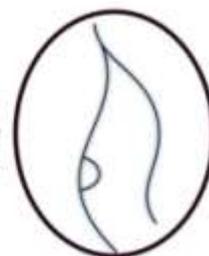




INTERFACE  
ISSN 2448-2064



202

---

## **Movimento migratório e história de vida dos idosos de Porto Nacional, TO.**

*La migración y la historia de vida de las personas mayores de Porto Nacional, TO.*

**Raimundo Nonato Oliveira Costa<sup>1</sup>**

Universidade Federal do Tocantins  
[raimundo\\_23palmas@hotmail.com](mailto:raimundo_23palmas@hotmail.com)

**Rosane Balsan<sup>2</sup>**

Universidade Federal do Tocantins  
[rosanebalsan@uft.edu.br](mailto:rosanebalsan@uft.edu.br)

**RESUMO:** Este artigo trata sobre a migração a partir da história de vida de dez idosos imigrantes moradores na cidade de Porto Nacional – TO, mostrando esse fenômeno social relacionado a questões econômicas que os impelem a mudar, a procura de outros locais que ofereçam recursos ou apenas condições para sobrevivência da família. Nota-se ainda que, de acordo com os entrevistados, nem sempre essas mudanças foram impulsionadas apenas por fatores econômicos, mas a combinação dos fatores econômicos e psicológicos. A metodologia utilizada na análise considera alguns autores no artigo, tais como: Becker (1982), Beaujeu-Garnier (1980), Carvalho; Castro (1963) e, Santos e Silveira (2006) que apontaram análises sobre o Norte de Goiás ou sobre migração.

**Palavras-chave:** Migração. Imigrantes. Porto Nacional-TO. História de vida.

**RESUMEN:** En este artículo se describe la migración de la historia de vida de cada diez residentes inmigrantes de edad avanzada en la ciudad de Porto Nacional - A, lo que demuestra que fenómeno social relacionado con las cuestiones económicas que impulsan a que cambien, la búsqueda de otros sitios que ofrecen recursos o únicas condiciones para la supervivencia familiar. Tenga en cuenta también que, según los encuestados, estos cambios no siempre fueron impulsados únicamente por factores económicos, pero la combinación de factores económicos y psicológicos. La metodología utilizada en el análisis considera algunos autores en el artículo, como por Becker (1982), Beaujeu-Garnier (1980), Carvalho; Castro (1963) y Santos y Silveira (2006) señalaron que el análisis del Norte de Goiás o la migración.

**Palabras clave:** Migración. Los inmigrantes. Porto Nacional. Historia de vida.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Geografia da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Porto Nacional.

<sup>2</sup> Docente do curso de Geografia da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Porto Nacional.

## 1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa partiu do anseio de captar falas de dez idosos moradores na cidade de Porto Nacional - TO para compreender suas vivências na cidade. Ao se fazer contato com os primeiros entrevistados percebeu-se a necessidade de abordar a questão das migrações humanas, buscaram-se então antigos habitantes com origem em outros estados. Com um roteiro de entrevista e gravador obteve-se as informações, e selecionou-se os detalhes das histórias de vida de moradores idosos imigrantes na cidade de Porto Nacional – TO a fim de compreender o processo migratório ao qual estão inseridos.

A leitura das entrevistas apoiou-se na leitura de Becker (1982, p.130), para quem:

O estudo da migração no Norte de Goiás mostra que os povoadores constituem uma massa de população móvel que migra continuamente no país. [...] quer nos próprios estados de origem, quer no sul do país, quer na própria região pioneira, indicando que seu destino atual também tende a ser provisório.

A pesquisa buscou tratar essa dinâmica, a migração, como mobilização de recursos de mão de obra para o antigo Norte de Goiás.

Dos dez entrevistados apenas um nasceu antes de 1930, mas todos migraram para o antigo norte de Goiás (hoje Tocantins e parte integrante da Amazônia Legal brasileira) entre 1930-1965.

As entrevistas foram realizadas entre os dias sete, onze e quinze de março de 2015 na cidade de Porto Nacional, estado do Tocantins, onde hoje estão fixos. Conforme Silva, (2013), fundado no início do século XIX, Porto Nacional esteve diretamente ligado histórica e culturalmente ao Rio Tocantins. Ao longo do século XIX e XX, a principal via de acesso era o rio Tocantins, no qual as embarcações navegavam transportando mercadorias entre Porto Nacional e Belém, no Pará. Na década de 1970, com a construção da BR-153, o fluxo de pessoas e mercadorias passou a ser por via terrestre. Foi uma das principais cidades do então norte goiano, antes da divisão do estado de Goiás.

O artigo está estruturado da seguinte forma: Introdução, onde se fez uma breve apresentação e objetivo do trabalho. No referencial teórico tem-se migração e história oral com alguns apontamentos a partir de conceitos e colocações de autores quais e por que motivo se optou por esses autores?. No item “Deixa eu falar: idosos como testemunho” discute-se e se analisa entrevistas a partir da fala dos próprios idosos imigrantes. Para garantir o anonimato foram utilizadas abreviações dos nomes. Nas considerações finais destacam-se as principais ideias da pesquisa.

## Referencial teórico: apontamentos

Tendo como objetivo central estudar a migração a partir das histórias de vida de alguns imigrantes residentes na cidade de Porto Nacional - TO, tornou-se necessário a revisão bibliográfica da literatura sobre migração, se apoiou nos seguintes autores, Becker (1982), Beaujeu-Garnier (1980), Carvalho; Castro (1963) e Santos; Silveira (2006). No que se refere à história oral, buscou-se a discussão em autores como, Alberti (2005), Freitas (2006) e Meihy (1996). Seria interessante justificar a abordagem desses autores.

## 2 MIGRAÇÃO

Ao definirem migração, Carvalho e Castro (1963, p.78) dizem que: “a migração, assim, nada mais é do que a mudança de indivíduos de uma região, indo fixar em outra. Essa mobilidade dá aos indivíduos o nome de emigrantes, na região de onde saem, e imigrante na região para a qual se dirige.”

Conforme Santos e Silveira (2006, p. 212):

O percentual de brasileiros ausentes dos seus lugares de nascimento é, em 1960, um pouco mais que o dobro do de 1940, mas quase quadruplica entre 1940 e 1970. [...] Havia 3,4 milhões de brasileiros ausentes do seu local de nascimento em 1940, passando para 12,5 milhões vinte anos mais tarde, para 46,3 milhões em 1980 e para 53,3 milhões em 1991. Nesses quatro cortes temporais, o percentual dos brasileiros ausentes do seu local de nascimento em relação a população total passou de 8,5% para 18,2%, 38,9% e 36,3%, respectivamente.

Como se observa a migração é um fenômeno inquietante que se reflete na própria configuração espacial, visto que a mudança de indivíduos, ou ausência em seus lugares de origem dentro do território brasileiro teve aumento significativo. Como se percebe, não é de hoje que se tem deslocamentos para outras regiões; intencionais ou não essas mudanças acabam por dar uma ideia do que seja esse contingente de pessoas fora dos seus locais de origem, caracterizando não apenas o povo brasileiro, mas em escala mundo uma mistura de povos espalhados por todas as partes do globo.

Conforme Beaujeu-Garnier (1980, p.246): “A causa principal da migração é a pobreza absoluta, da qual o homem foge impelido pelo simples desejo de sobreviver.” A partir dessa ideia, podemos pensar a pobreza como a propulsão ao excedente de mão-de-obra no interior do país, impulsionados e atraídos muitas vezes pelo simples desejo de sobreviver, considerando que “a mobilidade espacial da população decorre de sua dificuldade de acesso

aos meios de produção; instável economicamente e sem ascensão na escala social, é ela induzida a migrar continuamente para áreas onde se faz necessária a disponibilidade de mão-de-obra”. (BECKER, 1982, p. 148).

Essa migração contínua para áreas onde se faz necessária sua disponibilidade como mão de obra, coloca-se aqui a Amazônia brasileira, vejamos:

Entre 1930 e 1965 [...] A expansão da fronteira, efetuada sob a forma de acumulação primitiva, representou a solução para o problema do crescimento do setor agrícola com fracos investimentos, assim produzindo alimento e mão-de-obra a baixo custo pra a acumulação urbano-industrial. (BECKER, 1982, p. 128)

Pode-se perceber que nesse período temos como característica o modo de produção agrícola como atrativo de mão de obra, mas temos uma outra atividade característica nessa região do antigo norte goiano em substituição ao período da mineração e que de certo modo teve sua atração de imigrantes como mão-de-obra, vejamos:

O povoamento dos campos pela pecuária é antigo, remontando a fase da mineração, no início do século XVIII, cuja decadência deixou como lastro a ocupação de terras por fazendeiros que, com o auxílio de escravos, criavam gado à solta, em áreas enormes, não delimitadas e não-registradas oficialmente. Grandes manchas florestais, com excelentes condições de solo, permaneciam inaproveitadas, deixando isolado o povoamento dos campos. (BECKER, 1982, p. 127-128)

De acordo com Becker (1982), pode-se ter uma ideia do porquê que todos os entrevistados ao chegarem a essa região se dirigiam para as fazendas como meio de fixarem moradia e prestação de serviço, tornando-se vaqueiro em substituição ao antigo “escravo”.

Interessante notar ainda que: “[...] em todos esses casos o camponês, embora possa mudar de latitude, de cultura e de ferramentas, permanece camponês, preso à terra. É, simplesmente, uma vasta expansão do modo de vida rural.” (BEAUJEU-GARNIER, 1980, p.217).

Esses camponeses não possuem qualificações profissionais, não tiveram acesso à educação, tomaram responsabilidade de adultos ainda crianças ajudando os pais no trabalho braçal ou no trato de crianças menores, tiveram uma vida diretamente vinculada ao campo em seus lugares de origem e assim continuam para onde se deslocam, uma vez ainda que “há, portanto, oportunidade de emprego para mão-de-obra nas fazendas, e é forte a atração de migrantes para a região.” (BECKER, 1982, p.129)

A origem dos imigrantes entrevistados na cidade de Porto Nacional se justifica nas palavras de Becker (1982) quando afirma que os principais povoadores da área da Belém-Brasília originam-se da Região Nordeste, seguindo-se os da região Centro-Sul (principalmente dos estados de Goiás e Minas Gerais) e os da região Norte.

Na análise das entrevistas pode-se perceber “a intensa mobilidade dentro da própria região pioneira, evidenciando a instabilidade e o caráter transitório da população, indica que a fronteira não oferece condições para fixa-la” (BECKER, 1982, p.136).

Segundo Beaujeu-Garnier (1980, p. 250): "a descoberta de novos recursos também atrai massas migratórias e, em certos casos, tem exercido importante papel no povoamento de vastas áreas." Para essa mesma autora, “o que lhes importa, acima de tudo, é melhorar a situação econômica - se forem impelidos a emigrar em virtude da pobreza - ou, simplesmente, encontrar um meio de ganhar a vida se emigraram por motivos políticos ou psicológicos”. (BEUJEU-CARNIER, 1980, P. 277).

Mesmo desorganizadas, representam uma tentativa humana espontânea de melhor adaptação às possibilidades econômicas que o mundo oferece; quando controladas ou, mesmo, compulsórias, oferecem o meio de adaptar aos recursos, de transformar a estrutura das ocupações, de desenvolver as relações humanas e, como resultado, de dirigir apropriadamente a terra e a produção. (BEUJEU-CARNIER, 1980, p.279).

A partir desta discussão no âmbito migratório, parte-se para a discussão em história oral logo no tópico abaixo. Percebendo os vários idosos com origem em outros estados na cidade, procurou compreender o fenômeno através de seus próprios testemunhos de vida.

## **2.1 HISTÓRIA ORAL COMO MEIO**

Segundo Freitas (2006, p.18): “História oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana.”.

Alberti (2005, p. 17) descreve que a história oral: “[...] pode ser definida como método de investigação científica, como fonte de pesquisa, ou ainda como técnica de produção e tratamentos de depoimentos gravados.”

Para Meihy (1996, p.13): “história oral é um recurso moderno usado para elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes a vida social de pessoas. Ela é sempre uma história do tempo presente e também conhecida por história de vida.”

No estudo da história oral pode se perceber que há uma divisão dentro da própria área de estudo, vejamos: “a história oral, no nosso ponto de vista, pode ser dividida em três gêneros distintos: tradição oral, história de vida, história temática.” (FREITAS, 2006, p. 19).

Não se aprofundará nestas classificações e detalhamentos, uma vez que não é foco neste trabalho. Se aventurará aqui no percurso das histórias de vida, uma vez que o processo migratório está inserido no percurso pessoal de todos os entrevistados. Nesta pesquisa a história de vida dos entrevistados não começa na cidade de Porto Nacional – TO, são imigrantes, mas revela o verdadeiro sentimento desses personagens, como se pode perceber na fala dos entrevistados:

Beleza, hoje a cidade do meu sonho é Porto. Por que foi a donde eu criei meus filho, foi a donde eu eduquei meus filho, só... foi a donde eu habitei, foi a onde eu fiquei sabendo conversar com as pessoa, foi a onde eu aprendi muitas coisa, cabou aquela bobiça de fazenda. Que na fazenda não sabia conversar com ninguém. Hoje eu converso com você eu converso com médico, converso com qualquer pessoa que ver sei conversar com ele, ele vai me perguntando eu vou respondendo, tiver alguma palavra errada é problema que podia não falar errado era o governo e fala, e ele fala errado [...] (L T C, em 15/03/2015).

Que hoje ela mudou muito e que a gente assim acha boa, já até acostumou com aqui acha que é aqui que é o lugar mesmo da gente, é, a gente já tomou conhecimento com todo mundo, na cidade a gente conhece tudo, né. Sabe os andamento todo. Foi umas mudança assim que a gente teve na vida que... da gente assim, tipo assim... da gente passando de uma coisa pra outra. (E B D, em 15/03/2015).

Conforme Meihy (1996, p.35) “a história oral de vida é o retrato oficial do depoente. Nesta direção, a verdade está na versão oferecida pelo narrador que é soberano para revelar ou ocultar casos, situações e pessoas.”

Freitas (2006, p.67) aponta que:

Além disso, a noção de que o documento escrito possui um valor hierárquico superior a outros tipos de fonte vem sendo sistematicamente contestada, em um século marcado por um avanço sem precedentes nas tecnologias de comunicação.

Com a facilidade da comunicação no mundo moderno, considera-se a tecnologia disponível, a história oral se faz valer de maneira positiva da expansão dos recursos tecnológicos ao alcance do consumo, como bem nos aponta Meihy (1996, p.14): “a

obrigatoriedade da participação da eletrônica na história oral determina uma alteração nos antigos procedimentos de captação de depoimentos antes feitos na base de anotações ou memorização.”.

Quando se trata da confiabilidade da história oral como recurso ao estudo Meihy (1996, p. 14) diz:

É desprezível discutir se história oral se compraz ou não em ser uma técnica, um método ou uma disciplina. Dado seu perfil multidisciplinar [...] também mais apta a motivar reflexões do que a esgota-se em debates inócuos sobre seu sentido epistemológico.

Da mesma forma, é pobre manter a discussão sobre a cientificidade ou não da história oral. Cabe, modestamente, reconhecê-la como instrumento capaz de colocar novos elementos a disposição dos interessados na leitura da sociedade. É válido também não considerar a história oral como mero substitutivo para carências documentais, sejam qualitativas ou quantitativas.

Para Alberti (2006, p.18) “sua especificidade está no próprio fato de se prestar a diversas abordagens, de se mover num terreno multidisciplinar.” Pensando nessa possibilidade ~~que~~ se recorreu a história oral como meio para o estudo em questão, percebendo os próprios migrantes como as principais fontes à realização do trabalho, uma vez que são eles que participam da problemática da migração em seus percursos de vida.

### **3 DEIXA EU FALAR: IDOSOS COMO TESTEMUNHO**

Para identificar os aspectos da migração nos quais os entrevistados estão inseridos, buscou-se conhecer suas origens, descendência e as atividades nas quais eles e seus familiares estão envolvidos. Dentre os dez entrevistados com idade variando entre 66 e 92 anos, três são do estado do Maranhão, dois da Bahia, dois do Ceará, um de Minas Gerais, um de Pernambuco e um do Piauí.

Quando se tratou da origem de seus pais, a participação nordestina se destacou, dos dez (10) entrevistados, nove deles eram filhos de pais nordestinos, e um deles os pais eram do Sudeste. Os que tinham pais nordestinos, estes eram oriundos dos seguintes estados: Bahia, Ceará, Maranhão e Piauí. Já o entrevistado cujos pais eram do Sudeste, o estado era o de Minas Gerais.

Observa-se nesta pesquisa que os homens eram os que mais se deslocavam e casavam fora dos seus estados. Justifica-se essa asserção ao considerar que o entrevistado que sabia a origem da mãe também nasceu no mesmo estado de origem dela, enquanto outro, que

tinha pais de origem de Estados diferentes, nasceu também no mesmo estado de origem da mãe. O fato de que eram os homens quem mais se deslocavam pode ser observado no relato do entrevistado JSL ao dizer: “O povo de lá (Bahia) meus parente tava tudo aqui em pal., em Brasília fui na época que começou Brasília. Cheguei lá não tinha ninguém de homem, só as mulher, só as mulher.” (Cedida em, 15/03/2015)

Quanto às atividades exercidas pelos pais de todos os entrevistados antes de partirem, estavam ligadas ao campo, aos modos de produção rural, não ocorrendo nenhuma profissão ligada a vida urbana, nem mesmo em seus locais de destinos ocuparam tais profissões. Se percebe que viviam em condições precárias antes de se deslocarem, as quais os obrigaram a sair em busca de algo melhor, enquanto tentativa de mudar suas condições econômicas. Geralmente viviam em fazendas, conforme a entrevista: “A cidade mermo eu não sei que eu morava na... na fazenda né, no sertão mermo. Era muito triste, não era muito boa não. Era pegada. Só trabalhar mesmo de... né, na roça.” (L.F.R, em 07/03/2015)

Quando perguntados para qual local se dirigiram, ao chegarem em seus destinos, se fixaram moradia ou se ficaram procurando algum lugar em que pudessem construir a casa e alimentar a família, todos os entrevistados disseram que se dirigiram para as propriedades rurais (fazendas), relacionada à pecuária, uma das principais atividades econômicas da região na época, como diz uma outra idosa entrevistada: “Não nós não viemo pra Porto, nós fomo direto pra fazenda, o caminhão já virou lá pra lá assim ôh, e vei... entrou numa estradinha difícil e foi cortando pau fazendo estrada aí nós chegamo lá.” (E B D, em 15/03/2015).

Também podem ser verificadas outras narrativas que demonstram ser esta a principal atividade econômica da época região, o que leva a considera-la como a única fonte de trabalho e meio de vida para esse tipo de imigrantes.

Na fazenda. Não, não tinha não nós fumo caçar, e achemo. Fazenda, moremo de fazenda. Quando chegou aqui? Meu marido ia trabalhar pro outro e eu ficava na casa cuidando das coisa. Eu ia trabalhar que eu não conhecia quase ninguém. Como é que eu ia trabalhar, eu não ia. (I.R.R., em 15/03/2015).

Nós foi morar numa fazenda, já tinha a fazenda, meu marido já tava lá mais meu irmão trabalhando, já tinham comprado as coisa. Esse homem que é dono de lá dessa fazenda é... era muito bom pra gente (inclusive ele já morreu também) era muito bom pra gente, ele lá depois que nós chegemo aí tivemos muita fartura. Muita galinha, porco, pato, mandioca, arroz, tivemos muita fartura. (M.N.R.S, em 07/03/2015).

Pro que nós fomo direto pra fazenda, nós moremo muitos ano na fazenda. Então a gente sabe contar da fazenda, iguale eu já detalhei os vizim de meu pai, sobre colheita, né. Agora Porto, Porto já é... já... de certos tempos pra cá, a quarenta dois

ano que moro, há quarenta e cinco ano que eu moro em Porto. (L.T.C., em 15/03/2015).

Pode se perceber através destes relatos a ideia de Beaujeu-Garnier (1980:217), quando afirma que embora o camponês mude de seu local de origem continua camponês, preso à terra. Se observa ainda o papel da pecuária, uma das principais atividades econômicas na região atuando como forma de ocupação nesse período de povoamento do norte goiano pelas diversas vezes que a palavra fazenda é citada, dando para imaginar o porquê de os entrevistados se dirigirem para tais localidades como meio de moradia e prestação serviço, como vaqueiro, caseiro, lavrador. Neste sentido diz A.S.:

Aí eu vim pra cá ver se arrumava morada, arrumei. Voltei pra lá, trouxe a mulher e moro aqui até hoje. Não. Eu cheguei aqui fui trabalhar com umas pessoa muito boa que me ajudaram divinamente bem e... é de quem eu não tenho culpa, não tenho nada a dizer desse pessoal e, me ajudaram muito bem, eu vim de lá trazido por umas pessoa chegou aqui era pra eu ser vaqueiro deles. (em, 15/03/2015).

Dentre os entrevistados pode-se observar um quadro muito parecido com a ideia de Becker (1982, p. 130), onde destaca que estes povoadores constituem uma massa móvel que migra continuamente no país. Imagina-se já os contornos do objeto do trabalho serem delineados a partir dos caminhos que conduzem várias vezes esses migrantes a deslocarem. Voltando às entrevistas, percebe algumas das etapas migratórias através de relatos, comprovando a instabilidade caracterizando dessa forma essa migração contínua no país. Esta constatação pode ser claramente observada nas palavras do entrevistado M.F.S., 83 anos, nascido no Estado de Pernambuco, que chegou em Porto, no ano de 1968, cujo relato evidencia duas etapas migratória no destino ao qual se dirigiu, permitindo a possibilidade de imaginar que estava sempre com disponibilidade a se locomover.

Por que eu sai de casa cabinha novo fui pra São Paulo, de São Paulo saí de São Paulo pra voltar pra Pernambuco mas não fui cheguei no estado da Bahia fiquei, rodado lá. Rodado rodado bonito. Fui pra Bahia, aí cheguei na Bahia passei quase um ano. Aí não deu certo eu me arretirei da Bahia fui pro Piauí, pros garimpo lá nos garimpo foi que eu morei uns catorze quinze anos foi dezesseis, lá foi onde eu casei. (em, 07/03/2015)

Era eu mais meu cunhado, depois meu cunhado disse “vamo embora daqui, vamo pra Goiânia”? Digo, vamo! Que ele conhecia lá Goiânia já tinha trabalhado pra lá, eu digo vamo! Aí nós saímos. Fumo pro Formoso do Araguaia, trabaitemo um mês no Formoso, de lá nós pidimo as conta os patrão e fumo pra Gurupi, peguemo o ônibus fumo pra Goiânia. Passemo onze mês em Goiânia, passemo o inverno todinho lá em

Goiânia quando foi no fim nós vimo embora pra qui, foi tempo que o povo chegaram do Piauí aqui. (em, 07/03/2015)

M.J.S, também relata esta instabilidade quando chegou ao antigo norte de Goiás, no ano de 1953.

Eu daqui eu passei aí eu fui pra Gurupi, fui inter Goiânia, fui pro Pará, e voltei. [...] E aí acabei vindo ser vaqueiro aqui perto, e daqui de perto tornei voltar pra Ponte Alta, de lá por motivo de doença e aqui tem uma saúde boa, tem uma medicina boa, voltei pra Porto e acabei ficando em Porto, agora acho que não saí mais daqui não por que já tou muito velho e não dar pra fazer nada, é aqui mesmo. (em, 11/03/2015).

211

Com base nesses relatos, pode-se dizer que a instabilidade na qual se encontravam é fruto de suas fragilidades econômicas, que os conduziram sempre a partir em busca da sobrevivência, reforçando a ideia de que se tornavam potencial à mão de obra de baixo custo na região, conforme M.J.S.: “Eles não pagavam nem um dia de serviço, eles só queriam se fosse trocado, foi muito difícil pra nós, muito difícil.” (em, 11/03/2015).

Comprova-se também nas palavras de M.N.R.S. e L.F.R. quando dizem: “Trabalhando nas fazenda, trabalhando nas fazenda de empreitada.” “Eu? O que eu fazia era lavar roupa pros povo e passar, era que eu não tinha leitura não tinha nada né, um emprego, fui lavar roupa e passar.” (Concedida, em 07/03/2015).

No que diz respeito ao motivo de suas saídas do local de origem todos os entrevistados reforçam a ideia de dificuldades econômicas em que se encontravam, veja-se o relato de M.V.P. (e o diálogo com sua neta no decorrer da entrevista):

Lá tinha muito bode.

- Vó! É vó.

Mudaram pra qui porque as coisas eram muito difícil, lá, difícil difícil, nós não sabia... eu tinha uma irmã a ...

- Vó!

- Huum?

- Eu acho que é... esse daqui tudim.

- Dá licença mia fia, vovó tá conversando tá. Não tira isso aqui não que Frank briga!

- Tá bom.

- Não pode tirar!

Aí nós mudamo pra qui nós tinha uma irmã que não sabia nem comer arroz, aprendeu aqui, no Goiás, porque... não tiha, na época não tiha e quem tiha seu arroizim era uma panela de arroz pra cada quem só comia por lá mermo e não dava pra ninguém, era poquim arroizim de beira de brejo, lá não tinha essas coisas... (em, 07/03/2015).

As dificuldades de sobrevivência no local de origem são relacionadas por alguns dos entrevistados a causa climática, por exemplo: a chuva que não veio em abundância necessária

à produção do alimento, tornando “[...] um súbito acidente que transtorna um equilíbrio já precário tem efeito maior e mais rápido que a constante fome devoradora que entorpece o espírito para a reação”. (BEAUJEU-GARNIER, 1980, p.246). Bem nos aponta esse fato A.S.: “Eu mudei pra cá por que eu tava... eu tive um prejuízo numa roça. Eu plantei uma roça em sessenta e três e, atacou um verão e o arroz morreu não encheu, e nem o mihio. Morreram no no no vingou, na flor. Morreram. (em, 15/03/2015).

J.S.L. indica um outro fato interessante em meio às limitações em que se encontrava em seu local de origem, apontando que: “a crise que fez o povo mudar a metade do povo do povo da Bahia mudou tudo pra qui”. (em, 15/03/2015).

Nessas mudanças, assim como o homem se mobiliza na superfície terrestre, os meios utilizados a se locomover exerce uma função importante ao processo de migração?, revelando, portanto, características da época e dos próprios migrantes. Dentre os entrevistados, seis vieram à pé e tropa de animais, desses seis, dois vieram do estado do Maranhão, dois da Bahia, um de Pernambuco e outro do Piauí. Os outros quatro vieram mesclando, à pé, de animal, embarcação, veículo, (principalmente caminhão), dos estados do Ceará, Minas Gerais, Piauí e Maranhão. Como se constata no dizer de I.R.R., que chegou em 1959, vindo do Estado do Maranhão: “Vim de transporte não, transporte foi as perna. Uai, nós... Não tou te falando rapaz que nós passemos de lá pra cá mais de três mês.”

J.S.L. que veio da Bahia e chegou em 1942 ressalta:

Na perna, sabe. De à pé, tinha umas carguinha no jumento, aquele horror de gente que ia mudando que vinha viajando de à pé. Aí tudo... era tudo de à pé. Aquele tempo ninguém tinha montada não por que não tinha como. Minino, rum! Ah meu amigo. Aquele horror de gente, aquela família não sei nem quanto era mais, era muito umas três ou quatro família né, junto viajando pra cá. Fome, uma fome danada, não tinha nada. Aquela turma de gente de a pé que enxergava um pé de jatobá, você sabe o que é jatobá? Jatobá de de... de porco como se diz. Você viha nego entrar na carreira rapaz, até chegar lá no pé de jatobá, cada um panhava um, pra comer, pra comer, uma fome terrível, rum! Minino. Eu sei contar história, rum! (em, 15/03/2015)

A partir dos relatos podemos perceber que era uma época em que não foram beneficiados pela expansão das rodovias e desenvolvimentos nos transportes (1960/70), ou pode-se afirmar ainda que as condições econômicas não permitiram qualquer outro tipo de transporte a essas pessoas, valendo ressaltar a semelhança com que a maioria se deslocaram, à pé, montados em tropas de animais, caminhões e barco, chegando a passar até três meses em uma viagem, por exemplo do estado do Maranhão até seu local de destino, Porto Nacional?.

Entretanto, a partir das entrevistas pode-se identificar um outro fator pelo qual as pessoas mudam, uma vez que:

[...] uma causa de partida não é em si mesma suficiente, deve haver também algo para atrair os imigrantes. O fator de atração pode ser real ou imaginário, e é também nisso que se fundem os aspectos psicológicos e econômicos; a atração da cidade pode corresponder a uma realidade, significando menos trabalho árduo, salários mais regulares e melhor padrão de vida, mas quase sempre acontece ser isso simples miragem e a verdadeira situação ser, simplesmente, outra forma de luta contra a pobreza” [...]” (BEAUJEU-GARNIER, 1980, p.249).

Podemos perceber a ligação dos aspectos psicológico/econômico se manifestando no discurso do entrevistado, quando diz: “Via falar em Porto, mais nós via falar em Porto Nacional como um sonho, escutava meu pai assim mais os outro amigo dele falando.” (L.T.C., em, 15/03/2015).

A atuação destes fatores acaba por impulsionar de uma vez a partida, visto que já vivem em dificuldades econômicas em seus locais de origem, sabendo então de um outro que pode oferecer a oportunidade que nunca tiveram, o imaginário passa a atuar “como um sonho” de um lugar ideal, e permitindo pensar que aí esteja a junção dos fatores psicológico/econômico, fazendo com que mudem em busca desse ideal.

I.R.R. relata:

Mas eu cheguei pra aqui não achei essas coisa assim como o povo falava não. Diz que Porto Nacional lá era um lugar maravilhoso, e meu marido disse assim... disse, ‘você fica aqui mais meu... mas meu pai e minha mãe que vou dar um passei’ digo, não fico não que eu casei foi com você não foi com meu pai nem com minha mãe. Eu vou é com você, ‘então ramo’. (em, 15/03/2015).

Era, era a cidade falada no nordeste todo, nos todo. Era tão quá, que uma pessoa nascida aqui em Porto Nacional que não soubesse sinar o nome era ignorado, era por que, é é...era ignorado. Por que não se cria uma pessoa aqui em Porto pra ele não saber assinar o nome. (M F S, em, 07/03/2015).

A partir das entrevistas percebe-se que a causa principal às mudanças dos locais de origem estão diretamente ligadas a fatores econômicos. O que chama mais atenção entre os dez idosos imigrantes entrevistados é a semelhança de suas histórias de vida. Ressalte-se que se buscou idosos em várias parte da cidade e a maioria deles nem se quer conheciam uns aos outros, mas relatam histórias muito parecidas. Nesta pesquisa que teve por característica entrevistar idosos que vieram de outros estados, são apresentadas várias fazendas, provocando a se pensar também sobre que os fazendeiros existentes na região oriundos de outros estados, contudo esta pesquisa não se propõe a entrevistar nenhum desses fazendeiros.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A migração em Porto Nacional consitui-se um tema de estudo importante. Os aspectos psicológico e econômico atuaram como fator impulsionador à mudança. Observem-se os seguintes fatores: dos dez entrevistados, a maioria eram filhos de pais nordestinos oriundos da Bahia, Ceará, Maranhão, Piauí; os homens eram os que mais se deslocavam e casavam fora dos seus estados de origem; 100% dos entrevistados estavam diretamente ligados ao campo, aos modos de produção rural. Todos sem exceções se dirigiram para as propriedades rurais (fazendas) ao chegarem em seus destinos. Dentre eles, seis vieram à pé e tropa de animal. Os outros quatros entrevistados vieram de animais, a pé, embarcação, veículos e caminhões.

Tal dados analisados no artigo podem parecer inexpressivos, no entanto foram pesquisados os migrantes idosos e levou-se em conta sua suas trajetórias de vida em conjunto com seus descendentes, para o entendimento das opiniões sobre o município de Porto Nacional e do fenômeno migratório em si.

#### REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BEAUJEU-CARNIER, Jacqueline. **Geografia da população**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1980.

BECKER, Bertha K. **Geopolítica da Amazônia**: A nova fronteira de recursos. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

CARVALHO, Delgado de; CASTRO, Therezinha de. **Geografia humana**: política e economia. Rio de Janeiro: IBGE, 1963.

CASTRO, Josué de. **Ensaio de geografia humana**. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1966.

FREITAS, Sonia Maria de. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

MARAFON, Cláudio José (Org.). **Pesquisa qualitativa em geografia**: reflexões teórico-conceituais e aplicadas. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013. 542 p.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**: 4. ed. São Paulo: Loyola., 2002.

PESSOA, Vera Lúcia Salazar, RAMIRES, Julio Cesar de Lima. Amostragem em pesquisa qualitativa; subsídios para a pesquisa geográfica. In: MARAFON, Gláucio José *et al.* (Orgs.) **Geografia e Pesquisa Qualitativa**: nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis, 2009. P.117-1345.

SANTOS, *Milton Santos e* SILVEIRA, Maria L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 10. ed. Rio de Janeiro: Record. 2008.

Recebido para publicação em novembro de 2015  
Aprovado para publicação em abril de 2016